



**Vanessa Vidal**  
Professora

# Quando a sinestesia se personifica e ensina, a todos, que a verdadeira beleza reside em buscar cidadania

Nascer é relativo. O início da vida, como sucessão de fatos em ordem cronológica, constituídos enquanto habitamos esta dimensão, nem sempre marca, de fato, o início do viver. O caos inicial, existente – assim como no livro do Gênesis – antes do início da luz, pode perdurar durante vários anos. Às vezes, pode perdurar por uma infância inteira.

Vanessa Lima Vidal nasceu, de fato, aos 13 anos de idade. Somente a essa altura começou a viver a vida a que tinha direito. A – cronologicamente – adolescente, que até então se envergonhava da condição surda, cedeu lugar a uma menina que, agora, não necessitava mais das frustradas tentativas de se encaixar na sociedade ouvinte, por medo do preconceito dos outros ou, principalmente, por receio de assumir a própria surdez. Já não precisava mais existir pela metade, rir do que não compreendia ou adequar-se ao mecanicismo que caracterizara, até então, o aprendizado e processo – forçado – de oralição dela. A nova “alfabetização” e a descoberta da Língua Brasileira de Sinais (Libras) mudaram o comportamento de Vanessa, e a fizeram ver a vida de forma completamente distinta – passou a ouvir com outros olhos e falar por outras mãos. Foi crescendo menina-sinestesia, dona dos próprios sentidos.

O sorriso agora tinha um real motivo para existir. Símbolo da resiliência, símbolo de quem começava a compreender que o futuro estava, literalmente, nas próprias mãos. Foi o sorriso que iluminou e deu particular vivacidade ao já belo rosto da jovem. Vanessa começava a ascender, realizando os sonhos que, para outrem, eram veredas de progresso improvável. Tornou-se profissionalmente modelo. Modelo de determinação. Modelo

de cidadania. Modelo coroada a mais bela do Estado em 2008, título que a habilitou a participar do Miss Brasil, sendo a primeira surda entre as candidatas, em 54 anos de existência do concurso, e representando a terra de – como narra ela mesma – Rachel de Queiroz e Bárbara de Alencar. O Nordeste e, mais precisamente, o Ceará, são, para Vanessa, muito mais do que apenas um reduto do humor. É terra de mulher forte – e de força ela bem entende.

Aparentemente destinada a funções nobres, Vanessa desenvolve, atualmente, uma das profissões mais sublimes que se pode existir. Através da docência, na Universidade Federal do Ceará, tem a oportunidade de ensinar e disseminar conhecimentos sobre o que transformou profundamente a rotina dela – a Libras. No entanto, os ensinamentos vão muito além disso. Vanessa tem experiência para lecionar sobre sonhos, sobre coragem, sobre identidade, sobre a vida.

Um dos principais nomes da acessibilidade em nível estadual e, de certa forma, nacional, Vanessa é voz que merece ser ouvida, vista, sentida. Sem desistir jamais da luta pela acessibilidade para todos os tipos de deficiência, segue com sonhos e projetos para que a cidadania seja cada vez mais inclusiva e abrangente, buscando reduzir as desnecessárias barreiras formadas por preconceito e desinformação na sociedade. Certamente, não há como duvidar da eficiência e do sucesso que ainda será feito por quem reitera sempre que o “não” não faz sentido, nem em Português nem em Libras, e, sozinha ou não, pode ser considerada andorinha que faz verão e primavera.

**Equipe de Produção:**  
Amanda Fontenele  
Karine Nascimento

**Entrevistadores:**  
Alana Lins  
Amanda Fontenele  
Ingrid Pedrosa  
Karine Nascimento  
Maurício Xavier  
Rafael Queiroz  
Rose Serafim  
Ruth Lene  
Sarah Yarina  
Thais Norões

**Intérpretes:**  
Adriana Costa  
Marcos Borges  
Maria Coelho

**Texto de abertura:**  
Karine Nascimento

**Fotografia:**  
Anália Mendonça



Entrevista com Vanessa Vidal, dia 10 de novembro de 2016.

**Amanda** – Vanessa, na sua autobiografia *A Verdadeira Beleza* você definiu um período da sua vida como caos. Como você definiria a sua vida atualmente?

**Vanessa** – Minha vida hoje é completamente diferente do que eu descrevo no livro. Eu percebo que minha vida teve uma evolução muito rápida, e eu agradeço a diferentes pessoas que me ajudaram. Primeiramente a Deus, agradeço também à minha família, aos meus amigos que me ajudaram desde a infância (e) aos intérpretes. Não tenho como citar nomes, mas (*essas foram as pessoas*) que tiveram essa relação comigo, me ajudando. Também agradeço a minha autoconfiança, claro. E eu percebo que, na verdade, hoje sou feliz. Muito feliz! Porque antigamente eu tinha vergonha, eu não aceitava a minha identidade, não aceitava o meu eu, não aceitava ser surda, mas agora eu tenho orgulho disso. Tenho orgulho de ser surda! Aceito a minha identidade, aceito a minha língua! E dá para viver, sim. em todos os lugares, não é porque sou surda que vou viver isolada, não. Eu posso conquistar o mundo, se eu quiser. Já viajei sozinha para outros países, para outros estados, diferentemente de alguns ouvintes.

**Maurício** – Quando a sua família descobriu que você era surda?

**Vanessa** – A minha família não tinha muito conhecimento sobre o diferente, não tinha muita informação... Então, minha mãe (*Delmira Eudóxia da Silva Lima*) não percebeu logo de imediato, não. Entre dois e três meses, mais ou menos, ela descobriu (*na autobiografia, Vanessa explica que as primeiras suspeitas de surdez foram levantadas por sua família quando ela tinha oito meses. Já Eudóxia, ao ser entrevistada pela equipe de produção, afirmou que isso aconteceu quando a filha tinha seis meses de idade*). Quem descobriu primeiro foi a minha avó (*Ana Frolta*), que tinha mais contato comigo. Quando havia barulho em casa, que as crianças realmente choravam, ela notou que comigo era diferente. A minha mãe também observou isso. Então, com o passar do tempo, acharam aquilo estranho. Minha avó me chamava: “Vanessa, Vanessa!” E eu não tinha nenhuma reação. Foi daí que ela resolveu me levar a um médico, em São Paulo. Chegando lá, foram feitos exames e descobriram a minha surdez. A minha mãe ficou muito angus-

tiada, bastante perplexa em relação à situação, pensando: “Como é que vai ser a minha filha, futuramente? Como é que eu vou lidar com essa filha, que é surda? Eu vou ter muito trabalho para cuidar dela...” Ela começou a ter muitos pensamentos negativos em relação a minha surdez, e essa foi a primeira reação que ela teve. Ela ficou muito triste, foi a psicólogos, mas alguns realmente não ajudavam na autoestima dela.

E eu fui crescendo, fui para a escola, para a associação (*Associação dos Surdos do Ceará - ASCE*), (*fui tendo*) contato com os surdos... E, com o passar do tempo, a minha mãe começou a perceber que era importante aprender comigo, pois eu tinha muito a ensinar. Ela começou a reagir, começou a me estimular, minha família também, e começaram a ter orgulho de mim. Enquanto, no passado, à primeira instância, foi um tanto complicada a situação. Mas isso era causado pelo pensamento negativo que se tinha por falta de informação.

**Karine** – Seus pais se separaram quando você era muito pequena. Você acha que isso influenciou no seu desenvolvimento, de alguma forma?

**Vanessa** – É uma resposta um pouco complicada, porque o motivo da separação dos meus pais não foi a minha surdez. Muitas pessoas me diziam: “Ei, eles se separaram porque você é surda”. Mas não foi esse o motivo. Por isso, é uma resposta um pouco difícil. Não sei bem o que aconteceu, o motivo para que tenham se separado. Eu fiquei realmente muito triste. No começo, foi difícil para eu me acostumar a essa distância entre meu pai (*Espedito Vidal de Sousa*) e minha mãe, mas depois eu me acostumei. O importante é que eu mantive o contato com a minha família até hoje. Sempre tentei fazer com que meu pai aprendesse a minha língua, para que a gente se comunicasse mais facilmente. Ele quis aprender, mas não conseguia e se sentia desestimulado. Ficava tentando falar comigo como ouvinte, e, até hoje, não aprendeu a minha língua. Eu sempre digo: “Olha pai, eu sou surda, é outra língua, é importante que o senhor respeite, é importante que o senhor aprenda. Eu não falo, como eu vou desenvolver uma relação com o senhor?” Sempre o aconselhava, e ele só balançava a cabeça em sinal positivo. Mas

Vanessa Vidal nasceu, como fala ela mesma, “em meio à euforia de carnaval”, no dia 03 de fevereiro de 1984, filha de Delmira Eudóxia da Silva Lima e Espedito Vidal de Sousa.

Quando Vanessa era bebê, Espedito fez, em homenagem à filha, um acróstico intitulado “Conselho de Pai”: *Vais, / Atin-girás teus objetivos. / Nada te impedirá. / Encontrarás obstáculos. / Sabiamente saberás / Superá-los. / Amas, tenhas fé e seja feliz.*

Vanessa foi sugerida por Karine – que se tornou uma das integrantes da dupla de produção –, após o namorado, Levhy, que estuda Letras com habilitação em Português e Espanhol, falar que Vanessa seria professora na disciplina de Libras.



“(...) dá para viver, sim, em todos os lugares, não é porque sou surda que vou viver isolada, não. Eu posso conquistar o mundo, se eu quiser.”

ele sempre perdia o foco.

**Rafael** – Vanessa, como foi a relação afetiva com o seu pai? Qual a imagem que você tem dele, hoje em dia?

**Vanessa** – Nós tínhamos um relacionamento muito positivo, intimidade de pai e filha. Embora ele tenha se separado da minha mãe, não perdi a afinidade com ele, não. Nós continuamos, sim, com o nosso contato, com

nossas atividades de pai e filha. Ele sempre vem me visitar. Eu também o visito. Lógico que (com) a minha família paterna não tenho contato muito íntimo, mas sei que isso é um processo natural.

**Alana** – As meninas passaram pra gente o material sobre você, e (nele) a gente leu que a sua mãe sempre cuidava de você. Inclusive, pagava tratamentos caros. Eu quero saber se ela era a única pessoa que estava mais próxima, cuidando de você.

**Vanessa** – Sim. A minha mãe é uma grande pessoa que esteve presente na minha vida, até abnegou um pouco do seu emprego, onde trabalhava como secretária (em entrevista cedida à equipe de produção, Eudóxia afirmou ter deixado o emprego no Banco Bandeirantes quando Vanessa ainda era uma criança, pois queria acompanhá-la na escola). Às vezes, eu até dizia: “Mãe, eu não quero ser tão dependente de você, não”. Eu sempre quis a minha independência, mas, em alguns momentos, eu pedia a presença dela.

Ela sempre procurou informação sobre essa questão da surdez e sempre esteve me ensinando, não somente no acompanhamento escolar, mas sobre a vida mesmo. Ela pacientemente, desde a infância, sempre se mostrou muito dedicada, sempre foi um apoio muito forte, inclusive na minha carreira de modelo. É algo muito positivo na minha vida até hoje, mesmo depois de casada. Claro que diminuí um pouco esse contato com a minha mãe, obviamente. Hoje ela mora sozinha, porque não estou mais com ela, então ela teve a estratégia de adquirir um cachorro, para suprir um pouco a necessidade de companhia. (Risos)

**Maurício** – Nós sabemos que a sua família, na época, assim como a maior parte das famílias com pessoas surdas, queria oralizar você, achava que era a melhor maneira. Você pode falar um pouco sobre como era o processo de oralização e como você se sentia tentando aprender a viver como ouvinte?

**Vanessa** – Isso é bem verdade. Há um tempo atrás, a oralização era uma metodologia muito forte. Ela era ensinada, pregada de forma que todos tinham de oralizar. Isso era obrigatório. E o que é a oralização em si? É mais que uma normatização, é uma regra de imposição. As pessoas surdas tinham de seguir essa linha, essa forma de comunicação, uma cultura que não era a nossa.

E esse período foi muito complicado. Lendo a história, ela é um pouco triste, porque os surdos até morriam, eles eram realmente proibidos (de sinalizar). Os pais (de) filhos surdos tinham de seguir essa metodologia obrigatória, então a gente era obrigado a fa-

Amanda, a outra integrante da dupla de produção, por pouco não consegue participar da revista (produto do Laboratório de Impresso). Ela havia se matriculado no Laboratório de Multimídia, mas, depois de iniciadas as aulas, conseguiu trocar de disciplina com outra aluna.

lar, e não é fácil para quem é surdo aprender a falar. O que a gente fazia? Como é natural da nossa língua, nós nos comunicávamos (*usando sinais*). A gente se comunicava sem que eles soubessem, já que era proibido. Era grande o nosso sofrimento como surdo, nascer surdo e ter de se transformar em ouvinte, ter de adquirir uma cultura ouvinte. Não era fácil mesmo, isso nos angustiava, tínhamos de seguir algo que não nos era natural. Nessa época, a Libras (*Língua Brasileira de Sinais*) não estava totalmente formada, não tinha uma estrutura reconhecida. Também houve um período na história em que era defendida a comunicação total, um método que misturava a oralidade e os gestos. Era tudo simultâneo, a gente tinha de falar e gesticular ao mesmo tempo. Nós também não nos adaptamos a esse método, não foi aceito pelos surdos. Logo após, veio outra metodologia que nós amamos, que é a língua de sinais. Nós nascemos para essa metodologia. Nós começamos a defender a nossa língua e, em 2002, surgiu a lei que reconhece a língua de sinais aqui no Brasil, a Libras. E, junto com a nossa luta, vieram também os intérpretes, as escolas bilíngues e outras conquistas.

Na infância, (*eu*) era obrigada a oralizar, usando aparelho. Sabe quando você tem um câncer e precisa fazer quimioterapia? Então, (*a surdez*) era mais ou menos um quadro desse. Era tudo muito angustiante, como se (*a surdez*) fosse uma doença grave. E a oralização era um processo caro, não era fácil. Meu sonho, quando criança, era estar livre, brincando, correndo, (*mas*) eu tinha de dedicar todo o tempo da minha infância aos tratamentos. Lá no Felippo Smaldoni (*instituto especializado no ensino para crianças surdas*) também passei por esse processo. Na época em que eu estudava lá, além das disciplinas, também tinha a oralização, e isso era constante, era diário. Era obrigatório falar. As professoras oralizavam e diziam para a gente responder da mesma forma, como se fosse um papagaio, e a gente copiava o que a professora falava. Era muito mecânico. Por exemplo, (*elas*) acendiam uma vela e diziam: "Sobre essa chama aqui". Outra (*técnica*) era um colocar um objeto na boca, para que treinássemos movimentos da língua para emitir os sons. Também havia uma técnica em que prendiam algo no (*nosso*) nariz, e em outra, você tinha de abrir e fechar os braços para emitir os sons. Eram técnicas repetidas, desgastantes. Era muito complicado. Enquanto isso, meu cognitivo estava sendo limitado, porque estava presa a esses métodos. Até que um dia conhecemos a Libras, e aí, sim, nós nos sentimos totalmente libertos, sentimos que as informações chegavam até nós.

Nós, surdos, falamos a língua de sinais como primeira língua e português como segunda língua. Nós não temos de falar mais o português, e sim, aprender a forma escrita, como segunda língua.

**Amanda** – Pesquisando um pouquinho mais sobre Libras e educação, eu li sobre algo que você já citou, essa questão de primeira língua. Quando a gente aprende a ler, aprende a ler na língua materna, que é a primeira língua. E, no seu caso, quando você foi alfabetizada, estava sendo oralizada e ainda não tinha conhecimento da Libras. Eu quero saber como isso afetou o seu processo de alfabetização.

**Vanessa** – Essa situação (*me*) prejudicou muito (*pois*) a oralização era muito difícil. Por exemplo, vaca e faca, são palavras semelhantes nos fonemas. Eu perdia essas coisas, porque havia falta de comunicação. Era muito trabalhoso descobrir qual palavra estavam falando. Havia palavras iguais, semelhantes, havia sinônimos. Eu me esforçava para poder entender, por isso eu saí muito prejudicada nesse processo.

O professor falava que eu não sabia de nada, ele se virava e ficava falando, como eu ia entender? Eu chamava a atenção dele, mas isso acontecia várias vezes. Geralmente eu pedia para os meus amigos me ajudarem na sala de aula, porque o professor não conseguia me ensinar e eu tinha de pedir ajuda para interpretar, escrever, para entender... Não era papel do professor nem do aluno, eles não eram intérpretes.

**Karine** – No livro, você fala que a adaptação ao aparelho auditivo na infância foi muito complicada. Por que foi tão complicada? O que você sentia quando usava?

**Vanessa** – Na infância eu usei o aparelho e não (*me*) sentia bem. (*Aquilo*) não me beneficiava em nada, (*causava*) um barulho intermitente. A minha mãe me dizia: "Não, você tem de ficar (*com ele*), tenta se adaptar, tenta se acostumar". E eu dizia: "Não, mãe, eu não consigo", "Dá, minha filha, tenta que você consegue". E (*eu usei*) por obediência a minha mãe. Mas eu chegava a desligar o aparelho. E eu dizia: "Mãe, está tudo ok, está tudo legal aqui", e o aparelho desligado. Eu era um pouco teimosa quando criança. Em um certo momento, quando cheguei na fonoaudióloga para fazer aqueles processos de avaliação, para saber como estava a questão de adaptação ao aparelho, foi (*apontado*) o seguinte: eu só ouvia barulho no aparelho, mas adaptação mesmo não tinha, era como se fosse um barulho de alguém batendo em alguma coisa, não contribuía em nada. Por exemplo: batida de porta, um chamado muito forte, aí sim o aparelho me ajudava.

O convite a Vanessa foi feito por Amanda e Karine na própria UFC, na coordenação do curso de Letras Libras, com a ajuda de um intérprete da Secretaria de Acessibilidade da UFC.

Vanessa se mostrou muito lisonjeada com o convite, mas tinha algumas dúvidas sobre como seria a entrevista. Na mesma noite foi criado um grupo no *Whatsapp*, para que todas as dúvidas pudessem ser esclarecidas.

Durante a produção, foi feita uma entrevista – que ocorreu no mesmo dia da entrevista com Jane Malaquias – com Eudóxia Lima, mãe de Vanessa. Foi um momento muito agradável, onde a dupla de produção brincou muito com Romeu, um *poodle* de dois anos.

Mas, na questão da fala mesmo, ele não me auxiliou em absolutamente nada. Então, determinei o seguinte: eu não preciso desse aparelho, eu posso me adaptar de uma outra forma, posso até viver de uma forma que não (*precise*) depender dele, (*que não precise*) ouvir para viver, para realizar minha vida, meus sonhos.

Por exemplo, para dirigir, eu não dependo do aparelho nem mesmo para essas atividades. Lógico que eu não vou identificar se o carro tá buzinando, mas a gente tem outros mecanismos, como a visão, que é aguçada, e a gente meio que consegue suprir essa necessidade. A gente usa os retrovisores do carro, as expressões corporais no caso do pedestre, (*para saber*) se (*ele*) vai atravessar a rua ou não. Hoje, eu tenho muitos anos de experiência no volante, e nunca aconteceu nenhum acidente, nunca houve um problema, mesmo sem o uso do aparelho.

**Ingrid** – Você frequentou colégios regulares. Como era a convivência com os alunos ouvintes?

**Vanessa** – Era um pouco difícil. A minha sorte é que eu falo bem, mas isso não significava que ia me conformar só porque falava bem. Eu ficava angustiada por algumas coisas que aconteciam no colégio regular. Para

mim, não era importante que eu conseguisse falar, eu queria que os alunos que estavam ao meu redor também me respeitassem, (*respeitassem*) a minha identidade, a minha cultura surda. Os alunos de escolas regulares não entendiam o que era o sujeito surdo, o que era o ser surdo. Eu sempre lutei tentando explicar a eles como era a minha vida. Eles chegavam, às vezes, e falavam normal, e eu sempre avisava: “Poxa, eu sou surda, vocês precisam me respeitar e aprender a minha língua”. Eu sempre dizia a eles: “Olha, eu não escuto. O fato de eu estar conversando com vocês é porque eu faço a leitura labial, não quer dizer que eu esteja ouvindo. E vocês falam muito rápido, falem devagar para que eu possa entender vocês”. Era assim em todas as escolas regulares que eu me matriculava. As pessoas chamavam: “Olha, é a surda-muda”, que já é um termo que não é certo, mas todo mundo usava. Todos diziam: “Olha, essa é a surda-muda que fala” (*risos*), mas, na verdade, eu só estava entendendo por causa da leitura labial que eu fazia. Então, era muito difícil a comunicação. Eles não entendiam o que era ser surdo.

Eu percebia que, quando eu estava dentro da escola, (*os alunos*) só falavam de namorado, só falavam de amor, e eu: “Meu Deus,

---

“E o que é a oralização em si? É mais que uma normatização, é uma regra de imposição. As pessoas surdas tinham de seguir (...) uma cultura que não era a nossa.”

---



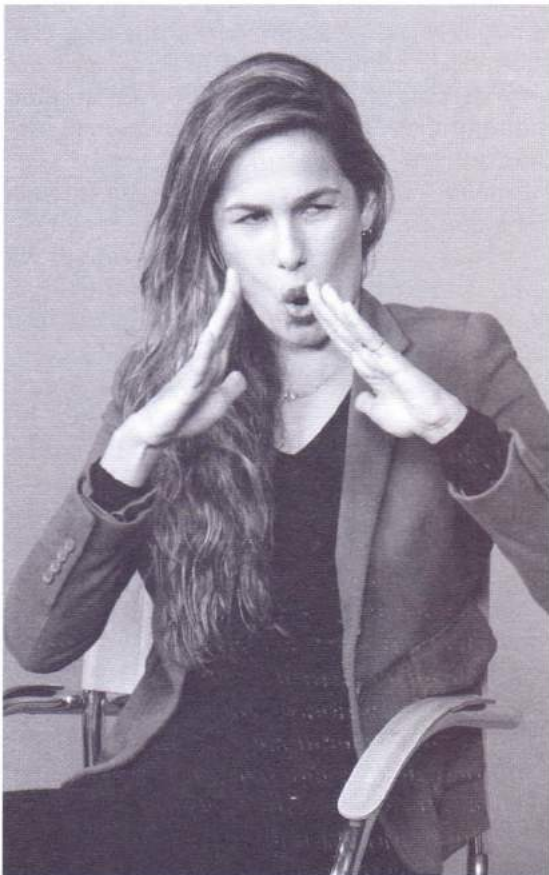
O contato com a Libras não alterou somente a vida de Vanessa. Eudóxia afirma que o comportamento da filha mudou muito após conhecer a língua de sinais, e o relacionamento entre elas melhorou bastante. “A Vanessa passou a viver a partir desse momento”.

que povo para falar besteira!” Eles chegavam para mim e perguntavam as mesmas coisas: “Você não consegue falar?” “Como é o sinal de bonito? Como é o sinal de namorado? Como é o sinal de gatinho?” Eles só se interessavam em perguntar esses sinais. Então, a comunicação que eu tinha com esses alunos era isso. Quando eu começava (a entrar em) outros assuntos, eles já diziam: “Poxa, é difícil. Tá difícil a comunicação”.

**Alana** – No colégio Santa Isabel, você foi descrita por uma professora como uma aluna complicada, que era difícil dar aula porque você era desatenta, tornava a aula muito complicada. E eu quero saber como era a relação dos professores com você, se eles tentavam incluí-la na aula, na conversa, no conteúdo.

**Vanessa** – É, realmente no livro até falo um pouco sobre essa história. Minha irmã (Valdana Lima Vidal Brito) estudava lá, eu morava perto da escola e minha mãe resolveu: “Ah, vou matricular a Vanessa nessa escola”. Bem, não foi uma resolução muito boa, porque a professora não soube lidar comigo na sala de aula. Ela não conhecia a cultura, não tinha experiência com alunos surdos, não tinha conhecimento... Ela tentou fazer algo para intermediar aquela situação. (Ela dizia:) “Vanessa, fique aqui em sala de aula”. E, às vezes, eu saía e ela não entendia, ela queria (me) obrigar (a ficar lá)... Às vezes, a professora saía de sala de aula porque realmente não sabia como lidar comigo. E ficava aquela situação chata porque não tinha comunicação de forma alguma, ela não entendia, eu não entendia. Eu não evoluía na escola, a professora também não procurou aprender minha língua, foi um tempo perdido.

Aliás, diziam para mim: “Eu não aguento você, não tá dando (para) trabalhar com você”, mas, na verdade a questão não era eu, e sim as duas culturas que não se juntavam, e (isso causou) esse impasse na minha vida escolar. Eu me sentia mal, logicamente. Com dois meses, mais ou menos, minha mãe, muito triste, começou a procurar outra escola, no caso, uma escola de surdos, e me matriculou no Felippo Smaldone (na autobiografia, Vanessa fala que estudou no Santa Isabel até o fim do semestre. Eudóxia também afirmou que a filha passou seis meses nesse colégio). Estudei lá até a terceira (série) do ensino fundamental, porque lá, na época, não tinha a quarta, a quinta série do fundamental. Hoje tem, mas na época não tinha. Então, eu fiquei triste quando estava saindo do Felippo Smaldoni, já imaginando qual (seria) a minha próxima escola. Eu até resolvi fazer novamente a terceira série. Estudei no (Colégio) Doroteias, fiquei lá por mais



Na ocasião, Eudóxia presenteou Karine e Amanda com exemplares do livro *A Verdadeira Beleza*, uma autobiografia de Vanessa, publicada em 2011, os quais foram de grande ajuda para compor o material de produção.

Além disso, após a entrevista, Eudóxia mostrou à dupla de produção alguns dos vestidos que Vanessa usou durante a carreira de modelo. O belo vestido amarelo usado no concurso Miss Brasil 2008 estava entre eles – inclusive, está disponível para ser alugado.



Eudóxia, juntamente com os outros integrantes da APADA (Associação dos Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos), foi uma das responsáveis pela construção da sede do Instituto Felippo Smaldone aqui no Ceará. O instituto é de origem italiana e já tinha uma sede em Brasília.

**“Sabe quando você tem um câncer e precisa fazer quimioterapia? Então, (a surdez) era mais ou menos um quadro desse. Era (...) como se (a surdez) fosse uma doença grave.”**

ou menos uns dois (*anos*). Foi a segunda escola particular em que eu estudei. Logo após o Doroteias, fui estudar no Geo (*Colégio Geo Master, atualmente chamado de Master*), na (*avenida*) Bezerra de Menezes.

Comecei a desfilar nessa escola e foi maravilhoso! Fui nomeada Garota Master, todo mundo vibrava, todo mundo torcia por mim. Aquilo trouxe um outro olhar para a minha vida, (*eu pensava*:) “Eu não *to* acreditando que isso *tá* acontecendo!” Foi onde começou tudo. Meu caminho de modelo iniciou nesse evento. Depois, comecei a trabalhar profissionalmente.

**Amanda** – Você relatou no livro que a sua mãe queria muito protegê-la, e, quando você começou a se interessar pela carreira de modelo, ela ficou um pouco apreensiva. Eu quero saber o que fez você insistir em seguir a carreira de modelo.

**Vanessa** – Foi um processo natural, eles me chamaram, eu fiquei com dúvida se a minha mãe iria gostar ou não. A minha estratégia foi dizer: “Não, para de pensar de maneira negativa, não é assim, pensa positivo. Eles vão me ver como modelo”. Mas, quando ela (*me*) viu pela primeira vez, sentiu um orgulho muito grande. Ela ficou apreensiva, mas, depois que ela (*me*) viu, gostou.

**Alana** – Do que é que você acha que ela tinha medo?

**Vanessa** – Não, não era bem medo. Na verdade, havia uma mistura de sentimentos, de (*achar que*) talvez eu não era capaz (*por ser surda*). Era uma sensação de insegurança, na verdade. Então, eu tomei coragem, e, embora minha mãe estivesse apreensiva, eu dizia: “Mãe, dá sim. Eu quero, eu sei que é possível. Eu sinto que vai dar certo, independentemente da minha condição”. Eu tomei coragem e iniciativa e fui participar dos desfiles, dos ensaios. E foi aí que houve a vitória. Vencemos! Eu falava: “Mãe, não precisa ter medo, não precisa ficar insegura, não, vamos mostrar que dá certo”. E aquele sentimento de insegurança, de dependência, de limitação, tudo foi desfeito.

**Karine** – Vanessa, quais foram as principais adversidades que você enfrentou quando começou essa carreira?

**Vanessa** – Na verdade, eu tive muitas bar-

reiras porque eu fui a primeira representante do povo surdo, fui a primeira modelo surda. Os profissionais que maquiavam, que faziam parte da produção, me olhavam meio estranho e ficavam pensando: “Será que dá certo?” Por eu ser surda. E eu só copiava as outras modelos, para que eu pudesse ter aquela experiência mais rápido. Tudo que elas faziam eu não fazia igual, claro, mas eu ia copiando aqueles movimentos, o que era pra fazer. Na parte das instruções, das informações, eu dizia: “Olha, eu sou surda”, e eles me olhavam meio estranho e faziam mímicas, gestos que não eram a língua de sinais. Eles achavam estranho, eu sentia que eles não aceitavam de primeira. Quando eles descobriam que eu era surda, eles estranhavam, queriam me reprovar por isso, mas avaliavam bem quais eram os critérios que eu tinha para ser modelo. A minha mãe [estava] sempre junto comigo, claro, ela ficava atenta a tudo para me repassar depois.

Eu comecei só como modelo fotográfica, e eu sentia uma atração muito forte por aquele trabalho, porque eu sentia que tudo dava certo, eu combinava para ser modelo fotográfica. Eu via as fotos depois, ia me corrigindo e fui crescendo profissionalmente. Eu fui gostando daquilo, de mostrar um pouco da minha parte sensual como modelo, fazer propagandas de roupas, de tudo. Aí, as pessoas iam me chamando para fazer alguns trabalhos. Alguns não chamavam, ou quando chamavam (*e descobriam*) que eu era surda, realmente tinham preconceito e cancelavam o trabalho. Isso eu entendo porque o preconceito ainda existe na nossa sociedade. Eu ficava chateada, claro! Mas, se eu ficasse com raiva sempre desse preconceito, desse *bullying*, eu ia perder tempo da minha vida. Então, o que eu decidi foi ter coragem. Hoje, a inclusão está muito forte. Tem modelos cadeirantes, modelos com a perna amputada, modelos negros... Eu vi um desfile no shopping e me impressionei, porque antes era impossível (*ver*) isso, e eu fiquei muito feliz, né? Porque hoje a sociedade está abrindo a mente e incluindo diversas deficiências, inclusive na minha área. O preconceito vem diminuindo.

**Sarah** – Vanessa, como você acabou de

Vanessa parece estar acostumada ao pioneirismo. Foi a primeira surda a ser eleita Miss Ceará, primeira a participar do Miss Brasil – em 54 anos de concurso –, e também primeira a ser entrevistada pela *Revista Entrevista*.

falar, a sua carreira de modelo ajudou a alavancar essa questão da comunidade surda. Eu quero saber se você acha que teria conseguido isso sem ter vencido o Miss Ceará e ter ficado em segundo lugar no Miss Brasil.

**Vanessa** – Eu acho que essa conscientização teria sido um pouco adiada, ia demorar um pouco. Porque, com a minha representação da comunidade surda lá nesse meio, foi rápido, mas algumas coisas ainda eram difíceis a sociedade entender, porque não é de uma hora para a outra. Mas eu acredito que foi rápido com a minha presença lá. Com a minha representação nesse meio, foi uma oportunidade muito grande de haver essa influência, e, com isso, foram se mostrando vários caminhos, várias possibilidades para o público surdo.

**Rose** – A gente sabe que tem toda uma preparação pra você ser miss Brasil, miss Ceará. Eu quero saber como foi a sua preparação e como foi também a convivência com as outras concorrentes, se você percebeu que elas, de certa forma, sentiram que você poderia ser favorecida por ser surda.

**Vanessa** – Modelo ou miss, você está perguntando em que momento?

**Rose** – No Miss Brasil.

**Vanessa** – Quando eu fui lá pra São Paulo, para a competição do Miss Brasil, eu percebi que algumas (*candidatas*) tinham preconceito comigo. Na verdade, eu também via um pouco de inveja, eu acho. Mas por que elas sentiam isso? Como era essa inveja? Por exemplo, fazia-se um vestido pra mim, muito longo, e elas pisavam (*na barra dele*), não sei se por maldade. Quando estávamos na fila,

entrando no desfile, elas ficavam pisando em mim e eu ficava pensando: “Meu Deus, por que elas estão fazendo isso?” Então, eu achava que isso era inveja, ou era preconceito comigo, porque no começo da minha carreira eu sofri muito preconceito, e eu não sabia como lidar com isso. Não sabia. Falavam mal de mim também, falavam que eu não tinha voz porque precisava de um intérprete... Eu falei: “Mas *pera aí*, a minha voz não é o intérprete, minha voz não é ele não”, a gente ficava discutindo essas coisas. “Olha, presta atenção em mim, eu tô falando em Libras, o que significa isso pra você? Isso é visual, né? Essa é a minha fala”.

Lá tinha uma intérprete, Gildete, que estava acompanhando a gente no evento, ela acompanhou em tudo, ajudou em tudo. Teve algumas candidatas que estavam falando mal da intérprete, porque elas pensaram que a intérprete estava me influenciando. Eu ficava: “Não, não, ela só está responsável em repassar o que eu estou falando, ela não pode tirar nada do meu discurso, não pode alterar nada. Ela está só me acompanhando, está só fazendo esse serviço para mim”. Ficavam falando mal de mim, eu ficava com raiva disso. Algumas concorrentes se achavam melhores do que eu. Quando chegou perto da hora (*do desfile*), eu estava angustiada, porque eu percebi que havia esse preconceito, e isso estava me influenciando. Elas falavam que a intérprete estava falando mal de mim, então de que lado eu ia ficar? Parece que estavam querendo tirar do meu direito de ter isso.

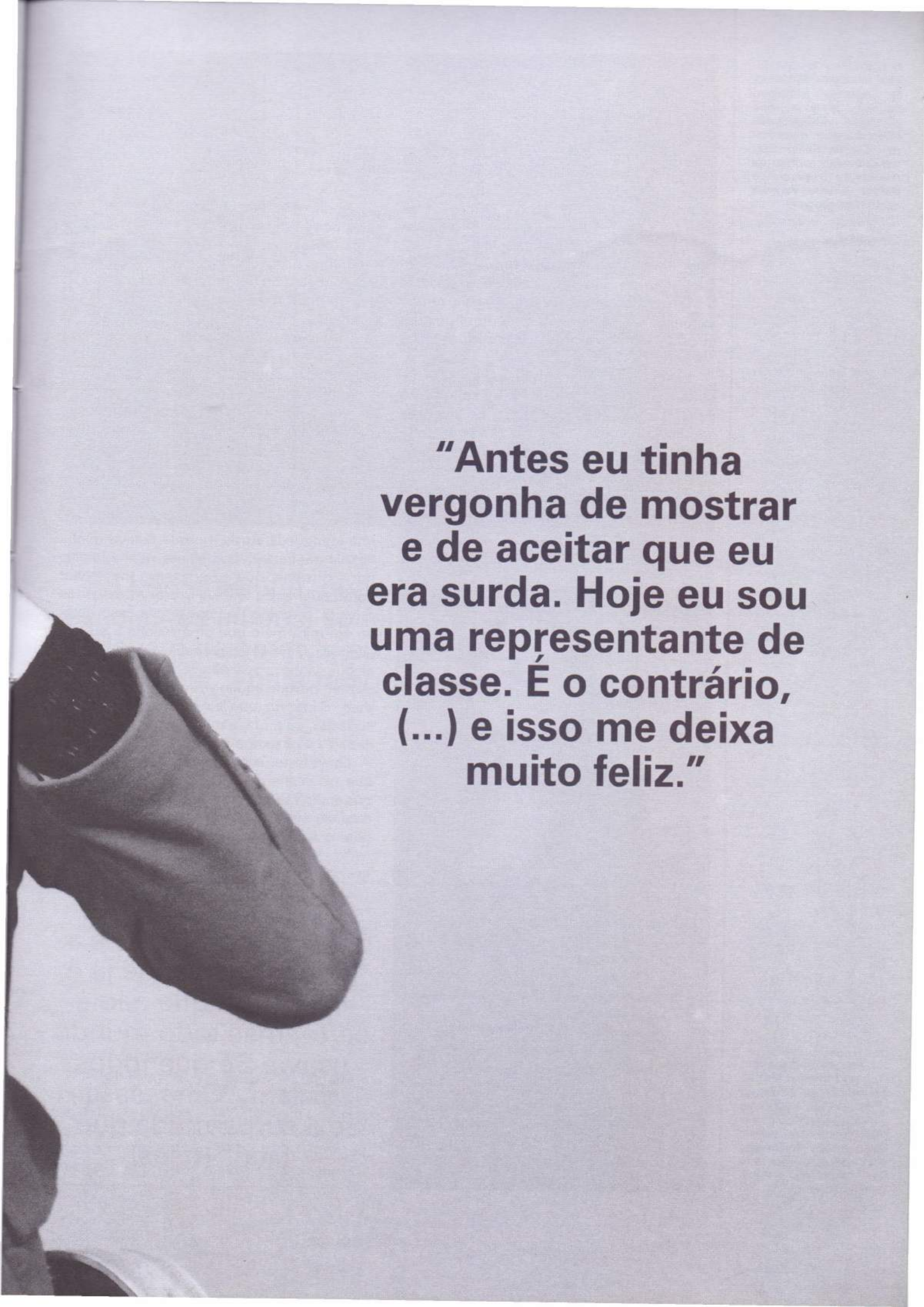
(*Na época,*) eu fazia parte de uma (*agência*) que era responsável por todas as mo-

Durante o período de produção, Karine assistiu a algumas aulas de Vanessa, o que a fez aprender, além do alfabeto, alguns cumprimentos, verbos e números em Libras.



Amanda também sabe alguns sinais, pois a mãe, Auxilene Venancio, que é professora e fluente em Libras, ensina a língua para a filha desde que Amanda era criança.





**"Antes eu tinha vergonha de mostrar e de aceitar que eu era surda. Hoje eu sou uma representante de classe. É o contrário, (...) e isso me deixa muito feliz."**

Durante a produção, a convite de Vanessa, Amanda participou da Festa das Mãos, que abrangeu uma série de palestras para comemorar o Dia Nacional do Surdo. O evento ocorreu na Associação Cearense de Surdos e teve Vanessa como mediadora.

delos do Brasil, então, *(quando necessário)*, uma empresa, ia até essa agência para escolher uma modelo, *(e)* sempre me escolhiam. *(Mas,)* eu descobri que, na verdade, lá dentro faziam de tudo para que não me escolhessem, entendeu? Colocavam defeitos, para que eu ficasse em segundo lugar, e outra pessoa, ouvinte, ficasse em primeiro.

**Amanda** – Tanto no Miss Ceará como no Miss Brasil, você foi acompanhada por um intérprete. Mas no Miss Beleza Internacional, você foi acompanhada por uma sinalizante que, além de não ser intérprete e sinalizar de forma descontextualizada, falava pouco espanhol e também não tinha uma postura ética. Como isso afetou sua participação no concurso?

**Vanessa** – Foi muito prejudicial à minha participação, inclusive eu até comento um pouco no livro, não falo tudo... Eu já estava imaginando como ia ser o futuro se eu conquistasse aquele prêmio. Seria um momento



Vanessa é casada com Rodrigo Nogueira Machado, também professor de Libras na UFC. A sogra de Vanessa também foi, coincidentemente, eleita miss Ceará, no ano de 1971, e, dentre os seis filhos que teve, quatro são surdos, incluindo Rodrigo.

ímpar, ir para outro país. Mas, infelizmente, teve essa questão negativa com a intérprete, embora eu estivesse confiante, *(porque)* ela foi uma pessoa que eu confiei, contratei... Eu tinha, sim, uma *(intérprete)* favorita, claro, mas eu confiei naquela pessoa que foi, e houve toda uma discussão. *(Falaram:)* "Não, essa não é profissional, não. Ela sabe pouco Libras, não tem muita experiência". Foi uma complicação mesmo, porque ela não era profissional, e foi difícil pra mim esse momento, porque eu fui prejudicada. Era um direito meu e foi um impasse na minha vida, desmoronou tudo na minha cabeça naquele momento. Houve toda uma chateação, foram momentos desagradáveis que eu não gosto nem de lembrar, *(e)* fico triste quando relembro. É angustiante.

**Karine** – Agora, a gente vai falar um pouco mais sobre identidade surda. Na infância, você falou que era muito difícil tanto o processo de educação quanto a certa vergonha que você chegava a ter. Quando foi que você começou a se aceitar como surda?

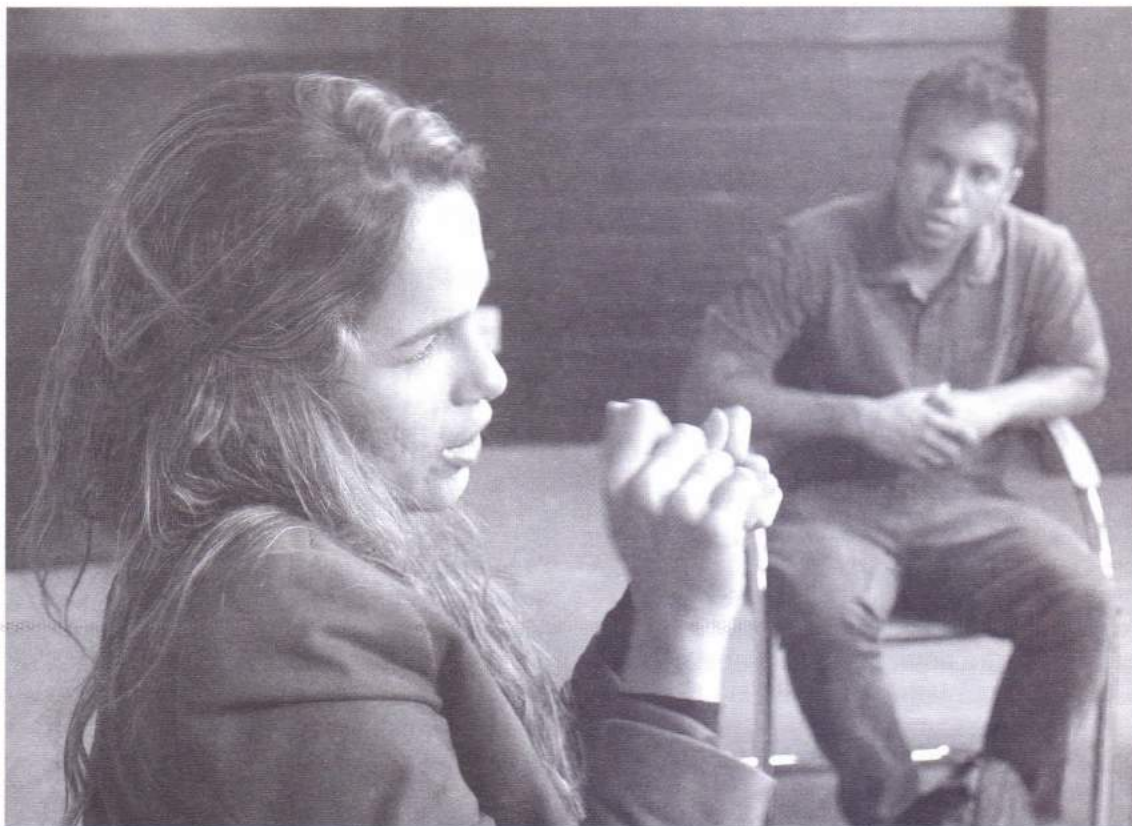
**Vanessa** – No começo realmente eu tinha muita vergonha, eu não aceitava mostrar minha identidade surda, porque faltava minha família me incentivar, *(faltava)* minha família me aconselhar que eu precisava me aceitar como eu era. Eu tentava copiar a sociedade ouvinte, e, como não conseguia, isso gerava em mim meio que uma revolta e eu não aceitava. Quando eu percebia o preconceito, aí que vinha a resistência mesmo em não aceitar, porque aquilo virava um trauma para mim. Cada vez que eu recebia aquele preconceito, eu piorava mais. Isso era na minha infância e na minha adolescência.

Quando eu entrei no Felippo Smaldone, que eu vestia uma farda com um símbolo que indicava ser surdo, eu tinha vergonha daquele símbolo, o tampava com o braço, com o cabelo, escondia quando estava no

---

**"As pessoas chamavam: 'Olha, é a surda-muda', que já é um termo que não é certo, mas todo mundo usava. Só que todos diziam: 'Olha, essa é a surda-muda que fala!'" (risos)**

---



---

“Eu percebia que, quando eu estava dentro da escola, (*os alunos*) só falavam de namorado, só falavam de amor, e eu: ‘Meu Deus, que povo para falar besteira!’”

---

ônibus, aonde eu andava, para que as pessoas não me reconhecessem como surda. A minha mãe sempre me mostrava: “Olha minha filha, como é linda, ela é surda”. Quando ela falava isso, eu dizia: “Mãe, para de falar que eu sou surda, eu não gosto”. A minha mãe: “Tá bom, ok, desculpa”. Mas eu sempre dizia a ela: “Eu não gosto, não precisa você falar que eu sou surda”. E as pessoas sempre chegavam até mim, falavam, e eu fazia essa cara de paisagem de quem estava entendendo tudo (*risos*), mas na verdade eu estava fazendo uma leitura labial. As pessoas ficavam: “Você é surda? Você é surda?” E eu mostrava, *hunrum* (*movimento confirmando*), mas, na verdade, por dentro, eu não estava gostando daquela pergunta, porque eu não me aceitava muito bem.

Foi um processo muito grande na minha vida, eu fui conhecendo outras pessoas, fui viajando, fui tendo contato com o mundo inteiro, e, quando eu fui abrindo a minha mente para outras coisas, eu pensei: “Poxa, eu preciso me valorizar como pessoa surda”.

Antes eu tinha vergonha de mostrar e de aceitar que eu era surda. Hoje eu sou uma representante de classe. É o contrário, totalmente contrário, e isso me deixa muito feliz. Eu percebo que antes, com certeza, eu não era feliz. Eu não posso dizer que minha infância, minha adolescência, foram de felicidade. Hoje eu sou!

**Karine** – Mas teve algum momento específico que você passou a se identificar como surda?

**Vanessa** – Vou tentar lembrar agora... Acho que foi o momento de miss... Não, no (*curso de*) miss não, foi antes... A primeira vez que eu aceitei minha identidade foi na associação (*de surdos*), quando eu vi aquelas sinalizações e os surdos conversando.

**Thais** – A gente viu no material que as nossas colegas organizaram que o seu primeiro contato com a ASCE foi através de um amigo, e você não se sentiu muito bem no primeiro momento. Por que isso aconteceu?

**Vanessa** – Isso aconteceu porque antes eu era oralizada e, quando eu vi aquelas mãos

A primeira intérprete a ser cogitada para auxiliar a entrevista foi Diná Sousa, que já havia acompanhado Vanessa em entrevistas anteriores para programas televisivos. No entanto, Diná está cursando doutorado em Florianópolis, e, com isso, não poderia ajudar.

Durante o período de produção, os servidores da UFC entraram em greve, tornando impossível solicitar o serviço de intérprete na Coordenadoria de Acessibilidade da UFC, o que deixou a equipe de produção apreensiva.

As intérpretes Maria Coelho e Adriana Costa foram indicações de Vanessa, que já as conhecia. Marcos Borges foi indicado por Vilany Abreu, uma amiga de Karine que estuda Letras Libras na UFC.

se mexendo, eu fiquei pensando: "Por que eles estão fazendo isso? Eles são loucos?" É muito rápido esses movimentos que eles fazem, falavam: "Oi" e parecia que iam me dar um tapa, ficavam sinalizando na minha frente direto... Pensei que era falta de educação deles fazer esse tipo de coisa comigo. Eu falei: "Desculpa, eu vou embora pra minha casa, porque eu não estou me sentindo bem". Depois, passando o tempo, eu fui entendendo que isso é a cultura, porque eu não tinha cultura surda, eu não tinha informação.

**Sarah** – E, para aprender a Libras em si, demorou a aprender ou foi um processo rápido?

**Vanessa** – Eu percebi que meu aprendizado na Libras foi rápido, porque a minha percepção visual parecia querer aquilo, ela tava preparada para aquilo. Eu fui aprendendo mais rápido, com o contato (com os surdos) que eu tive também, porque eu amava ir para a associação à tarde, e ficar lá até a madrugada curtindo com o pessoal, conversando e tudo... Minha mãe ficava preocupada porque eu não tinha voltado para casa, mas eu estava lá, aprendendo Libras, conversando com meus amigos. Parecia que tudo que eu não tinha conversado desde o começo da minha vida, eu conversava com eles. Então, eu aprendi bem rápido mesmo por causa desse interesse que eu tive.

**Rose** – Você disse que já viajou para o exterior. Eu quero saber qual foi o primeiro país que você conheceu e como é que funciona a comunicação no exterior, já que a Libras é brasileira. Você sabe a língua de sinais de outro país?

**Vanessa** – O primeiro país que eu fui foi a Espanha. Fui pra Madrid, fui sozinha. Eu fiquei muito encantada, de boca aberta, não estava acreditando naquilo. Lá estava acontecendo um evento da Federação Mundial de Surdos, que é a sigla inglês WFD (*World Federation of the Deaf*). Era um encontro mundial para todos os surdos, sobre educação, esportes, e acessibilidade. Encontrei surdos da Arábia Saudita, mulheres que iam com aquelas roupas cobertas, e eu os via falando em língua de sinais e tudo. Cumprimentei-os, não entendi nada o que eles falavam, porque era muito diferente a língua de sinais (deles). Havia japoneses também lá, e eu achei muito legal esse contato com diferentes nacionalidades e diferentes línguas de sinais, que eram muito diferentes (das línguas de sinais) daqui. É verdade, tem uma diferença muito grande, porque não é tudo igual. Cada país tem sua língua: inglês, espanhol, por exemplo. Na língua de sinais é a mesma coisa. Aqui, no caso, é a Libras, lá na Europa é a LSE (*Língua de Sinais Espanhola, falada na*

---

**"A minha mãe sempre me mostrava: 'Olha minha filha, como é linda, ela é surda'. Quando ela falava isso, eu dizia: 'Mãe, para de falar que eu sou surda, eu não gosto'."**

---

*Espanha. Existem outras línguas de sinais no continente europeu), (existe também a) ASL (American Sign Language), que é dos Estados Unidos, que é Língua Americana de Sinais. Tem várias espalhadas por todo mundo. Eu fiquei muito feliz vivendo isso, porque antes eu nunca tinha visto vários surdos no mesmo lugar, falando daquele jeito. Nesse encontro, me senti muito feliz, muito completa, muito satisfeita!*

**Alana** – Em 2003, você foi aprovada no vestibular da Unifor (*Universidade de Fortaleza*), para o curso de Ciências Contábeis. Mas o reitor julgou que você não precisaria de um intérprete porque outra aluna surda já tinha se formado antes. Eu quero saber como foi, para você, ter de lutar pelo intérprete para conseguir cursar Ciências Contábeis.

**Vanessa** – Foi muito marcante pra mim. Quando a Raphaella (*Raphaella Maranhão*) estudava na Unifor, não precisava de intérprete, pois era uma surda bem oralizada, conseguia ler e escrever (até o fechamento desta edição, não foram encontradas outras informações sobre Raphaella e o período em que foi estudante na Unifor). Então, por meio da leitura labial, da oralização, ela conseguia. Ela tinha a metodologia dela, mas eu não tinha isso, eu queria um intérprete lá dentro. Eu queria (ter) esse direito que (já) era meu. Então, eu fui lutando, falei com o reitor e consegui fazer com que ele aceitasse. Ele só pediu documentos que comprovassem que eu precisava de um intérprete. Eu levei tudo, ele leu e aceitou. Foi aprovado que trouxessem um intérprete para mim. Eu gostei muito de ter as aulas acessíveis. O número de surdos (na Unifor) cresceu após a entrada desse intérprete.

**Rafael** – Quais os problemas que você teve na Unifor, fora esse? Em algum momento você pensou em desistir de se formar?

**Vanessa** – Em questão de acessibilidade, não, porque já tinha intérprete. Mas eu sen-

Anália, que foi sugerida por Marcelo (responsável pelas fotografias da entrevista com Ricardo Jorge), foi escolhida como fotógrafa porque Amanda pretendia dar espaço a alunos que ainda não haviam participado da *Revista Entrevista*, o caso de Anália.

tã que Ciências Contábeis era muito difícil, tinha disciplinas muito áduas, era necessário muita leitura, eu precisava me esforçar muito. Meu cunhado (*Alexandre Lacerda de Brito*) falou que eu dava certo pra esse curso, opinião dele. Então, eu fui fazer Ciências Contábeis, mas, com o desenrolar do curso, não gostei muito, tive de fazer muitos sacrifícios, tive de me transferir da Unifor pra FIC (*Faculdade Integrada do Ceará. Atualmente funciona em parceria com o Centro Universitário Estácio*), e consegui lá meu diploma, (*mas*) foi difícil.

**Amanda** – Você disse no livro que, junto com outros colegas surdos, vocês reivindicaram a criação de um curso universitário de Libras na UFC. Eu quero saber como foi esse processo.

**Vanessa** – Bom, vou explicar. Lá na UFSC (*Universidade Federal de Santa Catarina*) foi criado o primeiro curso de Letras Libras (*do Brasil*). Junto com essa aprovação (*foram criados*) nove Pólos desse curso espalhados pelo país. Um deles foi aqui, em Fortaleza, na UFC, mas os surdos não haviam demonstrado interesse até então. Então, eu chamei alguns amigos: “Vamos nos inscrever, vamos fazer essa prova”, e vários passaram. Eu fui a primeira a entrar, no caso. Era (*um curso de*) educação à distância, pela UFSC. Foi entre 2006 até 2010 o curso, um período de quatro anos. Em 2013 houve a criação do curso de Letras Libras presencial aqui da UFC. Em 2013, eu fiz o concurso (*para ser professora*) do IFCE, e passei. Logo após, eu fiz outro concurso para a UFC, e passei também. Isso aconteceu em 2014, e estou aqui até hoje.

**Thais** – A gente tem esse curso de Letras Libras, que foi uma grande conquista. Mas quais outras conquistas você acha que o surdo precisa aqui no Ceará?

**Vanessa** – Eu queria muito que em escolas de ensino fundamental I, II, e ensino médio tivessem a disciplina de Libras. Seria muito interessante, porque só tem no meio acadêmico essa disciplina, então os alunos saem muito prejudicados. A gente sabe que nas mais variadas licenciaturas tem esse curso de Libras (*de acordo com o decreto nº 5.626, desde 2006 a inclusão da disciplina de Libras nas grades curriculares dos cursos de licenciatura e Fonoaudiologia é obrigatória*), mas é só uma disciplina e o conhecimento adquirido lá se perde rápido. Então, se fosse (*ensinada*) desde criança, desde o ensino fundamental até o ensino médio, acho que haveria um conhecimento mais aprofundado da Libras.

Também falta mais acessibilidade. Na verdade, falta muita acessibilidade. (*Faltam*) muitos intérpretes em diversos locais, em

cursos, até (*em*) prova de concurso. (*Também falta*) acessibilidade no quesito de adaptação de sons. Por exemplo, quando há um narrador falando, num aeroporto, devia ter um intérprete na tela para avisar quando o voo vai partir, devia ter essas coisas, né? Não é só o ouvinte que existe, tem surdo também no mundo.

Falta também as pessoas abrirem a mente para terem consciência das diversas deficiências que existem. Falta aquisição de conhecimento sobre cultura, sobre biculturalismo (*convivência com duas culturas distintas, como a surda e a ouvinte, por exemplo*), sobre as mais diversas línguas que existem aqui no Brasil.

**Ingrid** – Existem algumas leis sobre o acesso da comunidade surda à cultura. Aqui no Ceará, como é o acesso a cinema e teatro pelos surdos?

**Vanessa** – Falta acessibilidade. Nos cinemas tem a legenda, (*que são inseridas quando*) o filme é transmitido em uma outra língua, mas são (*cerca de*) duas mil palavras, é difícil o surdo ler tudo aquilo. A gente está reivindicando que, além da legenda, existam intérpretes em cinemas e teatros, para nos dar informações e ajudar na compra de ingressos, por exemplo.

Existe a lei, sim, que assegura (*o acesso à cultura*), mas não é respeitada na sua totalidade (*de acordo com as regras definidas na Instrução Normativa 128/2016, publicada em 16/09/2016 da Agência Nacional do Cinema, a Ancine, todas as salas de cinema no Brasil deverão disponibilizar recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual e auditiva em todas as sessões comerciais, dentro de um prazo de dois anos. Em 14 meses, pelo menos metade das salas de cada grupo exibidor deverá oferecer o recurso de legendagem, legendagem descritiva, audio-descrição e Língua Brasileira de Sinais*). Por exemplo, você chega ao museu, querendo saber da história, e, em alguns, há uma TV com sinalizante. Mas, na maioria dos lugares, não tem. No Theatro José de Alencar (*por exemplo*) não tem acessibilidade. A nossa vontade é que todos (*os locais*) fossem acessíveis.

**Rose** – Como é que você percebe o acesso dos surdos à mídia, aos jornais, por exemplo? Como um surdo pode acompanhar um telejornal que não tenha intérprete? Como é a luta por esse acesso?

**Vanessa** – Por exemplo, na Assembléia Legislativa (*TV Assembleia, transmitida para o Ceará através do canal 30, também disponível em [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br). No entanto, vale ressaltar que nem todos programas possuem janela de intérprete.*) tem a janela de intérprete.

A entrevista ocorreu no estúdio de Telejornalismo, no Centro de Humanidades II da UFC. Na ocasião, o prédio estava ocupado por alunos contrários à PEC 55, medida que estabeleceria o congelamento do orçamento público por 20 anos.

A ocupação teve início três dias antes da entrevista com Vanessa. Em assembleia, a equipe de produção informou aos estudantes de jornalismo que seria inviável realocar a entrevista. Os graduandos concordaram em manter o local e horário marcados antes da ocupação.



As aulas no curso de Jornalismo foram suspensas por tempo indeterminado, incluindo as do Laboratório de Jornalismo Impresso. A última reunião da turma antes dessa entrevista ocorreu na sala do professor Ronaldo.



O nome 'Vanessa' tem origem holandesa e significa "aquela que possui uma lucidez incomum, especialmente no que se refere a julgar o mundo e as pessoas".

---

**"Meu sonho, quando criança, era estar livre, brincando, correndo, (mas) eu tinha de dedicar todo o tempo da minha infância aos tratamentos."**

---

Pelo que você falou do jornal, não tem, mas deveria ter. Quando você tira o som, aparece a legenda, e essa é a única opção que nós temos. Mas também deveria ter opção para o surdo, porque o português é a língua dois, então nem todos os surdos sabem português para ler a legenda e *(de forma)* tão rápida. Foi um ganho muito grande, por exemplo, nesses debates das *(últimas)* eleições, *(a presença)* da janela de intérprete. *(Mas)* em alguns houve problema, porque era muito pequena a janela de intérprete, o surdo tinha de fazer um esforço muito grande para ver. Encostar na televisão para poder ver o que o candidato estava falando. Mas a nossa luta continua em relação a isso, quando acontece de a gente ter sucesso com a janela de Libras é muito bom, mas essa luta nunca para, e nós vamos conti-

nuar até conseguir.

**Rose** – Ainda continuando o mesmo tema, vocês buscam realizar as próprias produções? Por exemplo, acho que eu já vi um filme que era feito só por pessoas surdas. Vocês buscam realizar essas produções? Não só assistir mas também produzir?

**Vanessa** – Em outros países, eu já vi jornal sendo produzido pelos surdos. Achei muito interessante, mas aqui no Brasil ainda não tem. A TV cultura apresenta um programa, acho que é a TV cultura, que o foco é em Libras, não é tudo em Libras, é mais o foco, não é nem o conteúdo de jornais que é com notícias, mas os surdos mostrando conteúdos da língua de sinais (o canal TV Brasil apresenta um telejornal chamado Visual, que vai ao ar de segunda a sexta às oito horas. Nele, os apresentadores também são intérpretes e todo o conteúdo é apresentado de forma bilíngue: em português e em Libras). Seria muito bom se essa ideia fosse colocada em prática, os surdos fazendo o próprio jornal.

**Rafael** – Quais projetos você está botando em prática hoje em dia, para a militância dos surdos?

**Vanessa** – Eu não estou sozinha nisso. Eu vejo movimentos de acessibilidade, por uma educação bilíngue. É uma luta, mas nós estamos conseguindo. Eu tenho projetos também na área da saúde. Muitos surdos falam comigo que há uma situação prejudicial. Quando eu estou doente, e vou ao médico, ou vou comprar remédio, por exemplo, há uma falta de comunicação. É necessário uma comunicação mais clara dentro da área da saúde, uma comunicação segura, nas mais diversas situações que acontecem dentro dessa área.

Estou fazendo um projeto de extensão na UFC, um glossário de sinais sobre saúde, para que (esses termos) fiquem bem mais claros. Também darei palestras para explicar para as pessoas qual a importância de aprender esses sinais, para que elas olhem o glossário no site e possam se comunicar melhor, para evitar algumas situações que podem ser prejudiciais.

**Amanda** – Vanessa, o serviço de intérprete ainda tem um custo muito alto. Eu quero saber o que você acha que ainda poderia ser feito para tornar esse serviço mais acessível.

**Vanessa** – Intérpretes mais acessíveis na questão financeira? (Amanda concorda) Na verdade, hoje, precisa-se valorizar essa profissão. A gente é a favor disso, porque é um profissional. A prefeitura não paga o que ele merece. Por exemplo, aqui na UFC, nós temos intérpretes, de classificação D, que é nível de ensino médio. Eles são formados, alguns têm mestrado, mas ainda estão no nível de classificação D. Então, não tem essa valorização e eles saem prejudicados. Eles deveriam estar incluídos no nível de classificação E, mas o MEC não acha que a Libras seja considerada um idioma (de acordo com a Portaria 475, de 26 de agosto de 1987, Tradutor e Intérprete está classificado como profissão com exigência de nível superior (nível E), enquanto Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais está incluído no grupo com exigência de nível médio (nível D)).

**Amanda** – Só para reformular minha pergunta: para a população que não tem uma condição financeira tão boa, como ela poderia ter mais acesso?

**Vanessa** – O governo que tem obrigação de pagar (pelo serviço). Por exemplo, uma família que não tem dinheiro para comprar remédio, logicamente não tem dinheiro para pagar intérprete. Então, entraria o governo, colocando intérpretes nos hospitais, em vários lugares, para essas famílias que não têm condições. Em parte, isso acontece. Tem, por exemplo, a Central de Intérprete de Libras (inaugurada em Fortaleza em 2014, resultado de uma parceria entre os governos federal, estadual e municipal, e com sede na Rua Pedro I, no centro da Capital). Mas o que acontece: (Esses intérpretes) não podem ir a consultas particulares, não estão sempre disponíveis no horário que a família quer... Eles têm as suas regras e os seus limites dentro dessa central. Mas os surdos podem ter acesso, ir a essa central, marcar o que quer, e o intérprete vai junto. Precisa marcar o compromisso dois dias antes. Só não pode (solicitar intérpretes) para coisas particulares. Nós queremos e lutamos para que futuramente isso melhore.

**Alana** – Eu quero saber o que as pessoas pensam que você não pode fazer mas você faz.

**Vanessa** – Você sabia que eu já fui candidata a deputada estadual? (Vanessa foi can-

No dia da entrevista, Vanessa estava com o característico cordãozinho dourado no qual está escrito o nome dela. Vanessa parece gostar bastante do nome que lhe foi destinado, e, no livro, fala várias vezes sobre os significados que a palavra representa.

---

“(...) se fosse (*ensinada*) desde criança, desde o ensino fundamental até o ensino médio, acho que haveria um conhecimento mais aprofundado da Libras.”

---

Maria Coelho foi a primeira, entre os três intérpretes presentes, que aceitou participar. No entanto, havia avisado a Karine, desde o início, que poderia chegar atrasada no dia, já que às quintas-feiras não tem horário certo para sair do trabalho.

Felizmente, no dia da entrevista, Maria pôde sair cedo do trabalho e chegou à UFC antes mesmo de alguns entrevistadores e da entrevistada. Quem chegou minutos atrasado foi Marcos Borges, que teve um imprevisto algumas horas antes.

*didata em 2010, pelo Partido Verde, e alcançou 6.264 votos em todo o Estado, mas não conseguiu se eleger*) Então, eu não tive muito apoio não, foi difícil, foi limitado, mas eu fui corajosa, lutei, fui em frente, mesmo sem apoio. As pessoas (*diziam*): “Nossa, como que a Vanessa tem coragem em aceitar uma responsabilidade dessa?” Eu sentia que as pessoas (*achavam*): “Ah, ela é surda, ela não vai ser capaz de tamanha responsabilidade”. Assim como na vida de miss, que as pessoas se encantaram, quando eu fui candidata eu tentei causar essa surpresa nas pessoas também.

**Alana** – A gente viu no seu livro que tem muitos trechos de música, e a gente ficou curioso pra saber qual a sua relação com a música, como é que você escuta a música.

**Vanessa** – Bom, meu relacionamento com a música não é assim um processo tão natural como o que vocês estão acostumados, mas depende do momento, da situação, da adaptação em Libras... Quando eu vejo uma música em Libras, eu fico encantada. Vocês, ouvintes, escutam a música. No meu caso, eu tenho de visualizar a música. Se eu leio a letra da música, tento adaptar para os sinais... Lógico que uma língua é independente da outra, não que a música vá ficar igual, mas a gente tenta adaptar para os sinais para que o surdo sinta, e, quando ela é visualizada, a gente tem a sensação, tem o sentimento da melodia. A maioria das músicas não faz sentido pra mim, mas, quando ela é adaptada, quando elas são traduzidas para a língua de sinais, (*é diferente*).

**Karine** – Pra encerrar a entrevista, pelo próprio livro deu pra notar que você percebe a inclusão de uma forma bem ampla, bem além da causa da surdez. Então, a gente quer saber o que, pra você, significa a palavra acessibilidade.

**Vanessa** – Acessibilidade é algo muito importante. É ter igualdade, é ter satisfação na vida através dessa acessibilidade. As pessoas acham que precisar de acessibilidade é ter dependência, e é totalmente o contrário, é ser independente, é ver que tudo na sociedade é acessível a você, que você pode se mover sozinho, que você pode se comunicar sozinho, porque tudo é adaptado à sua deficiência.

Hoje, eu sou diretora regional da FENEIS (*Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos*), entrei em maio (*deste ano*). Dentro da FENEIS são discutidas várias políticas de acessibilidade a todas as deficiências. Lá, junta-se a educação e a política, principalmente do surdo. (*Pensamos em*) como vai ser a aquisição da língua do surdo, como ele vai aprender, como é a política do surdo. A gente percebe que faltam políticas

públicas nessa área, e nós, através de várias leis, vamos discutindo, pesquisando, para que haja essa adaptação.

Através da FENEIS, também são promovidos cursos de Libras para que essa comunicação seja acessível às pessoas. Outra coisa também é a família. A família também tem direito de fazer os cursos na FENEIS quando há parentes surdos. Também há cursos de conversação para quem já sabe libras. Então, eu sou responsável por essa parte da FENEIS, porque eu me preocupo com acessibilidade. Lá, a intenção é quebrar essas barreiras, através da política, que é falha, e nós lutamos para que isso seja resolvido, para ajudar todos os surdos.

---

“Foi um ganho muito grande, por exemplo, nesses debates das (*últimas*) eleições, (*a presença*) da janela de intérprete. (*Mas*) (...) era muito pequena (...), o surdo tinha que fazer um esforço muito grande para ver.”

---



Ao final do encontro, em vez das palmas sonoras que caracterizam o encerramento das demais entrevistas, todos os participantes fizeram o sinal de aplausos em Libras. Foi um momento emocionante.